

Montet (Ch), 15 de agosto de 2001

O Pacto de 16 de julho de 1949

(...)

Estamos em 1949 e eu escrevi:

«O nosso Movimento tinha nascido há cinco anos e já tínhamos compreendido e assimilado alguns pontos fundamentais da sua espiritualidade, por exemplo, Deus Amor, a vontade de Deus, ver Jesus no irmão, o mandamento novo, Jesus Abandonado, Jesus no meio, a unidade...

Fazia algum tempo que estávamos concentrados na Palavra, na Palavra de Vida, que vivíamos com uma especialíssima intensidade. Ainda não existiam grandes estruturas do Movimento nem tinham surgido as obras; de modo que todo o nosso empenho consistia em viver o Evangelho. A Palavra de Deus penetrava tão profundamente em nós que transformava a nossa mentalidade. O mesmo ocorria com quem tinha um certo contato conosco.

Esta nova mentalidade, que ia se formando, revelava-se uma autêntica contestação divina ao modo de pensar, de querer e de agir do mundo. E provocava em nós uma reevangelização.

Se recordo bem, a última Palavra que tínhamos vivido naquele período foi "Meu Deus, meu Deus por que me abandonaste?". Em Jesus Abandonado descobrimos a Palavra por excelência, a Palavra toda explicada, a Palavra completamente aberta. Bastava, portanto, viver Jesus Abandonado. Desse modo tudo foi simplificando-se. Viver Jesus Abandonado significava viver o "nada" de nós para sermos totalmente para Deus (na sua vontade) e para os outros.

Estávamos imersos nestes pensamentos e nestas experiências quando decidimos afastar-nos um pouco do Movimento e ir descansar num lugar de montanha.

Quando nós, focolarinas, chegamos lá, sobreveio outro fenômeno: dei-me conta de que tudo estava em chamas não só dentro de mim, por ter descoberto, todas as palavras como amor, mas, de certo modo também fora de mim. Eu tinha a impressão de captar, talvez por uma graça especial de Deus, a presença de Deus sob as coisas. Portanto, se os pinheiros reluziam dourados pelo sol, se os riachos desciam em pequenas cascatas cintilando, se as margaridas, as outras flores e o céu estavam em festa devido ao verão, mais forte era a visão de um Sol que estava sob toda a criação. Eu via, de certo modo - creio -, Deus que sustém, que governa todas as coisas.

E Deus, sob as coisas, nos mostrava tudo de um modo diferente de como o vemos normalmente; todas as coisas estavam ligadas entre si pelo amor; todas - por assim dizer - enamoradas umas pelas outras. Por isso se o riacho desembocava no lago, era por amor. Se um pinheiro se erguia ao lado de outro, era por amor. E a visão de Deus sob as coisas, que dava unidade à criação, era mais forte do que as próprias coisas em si; a unidade do todo era mais forte do que a distinção das coisas entre elas.

Vivíamos estas experiências quando Foco veio ter conosco em montanha. Aquele que agora estão santificando.

Foco, enamorado de Santa Catarina, esteve sempre à procura de uma virgem que pudesse seguir. E agora julgava tê-la encontrado entre nós. Por isso um dia me fez uma proposta: fazer-me o voto de obediência (como os discípulos de Santa Catarina faziam com ela), pensando que, fazendo assim, ele teria obedecido a Deus. Acrescentou ainda que era um modo de nos santificarmos como São Francisco de Sales e Santa Joana de Chantal.

Nesse momento eu não compreendi nem o porquê da obediência nem essa unidade "a dois". Além do mais, eu não partilhava a idéia de uma unidade "a dois", porque me sentia chamada a viver o "que todos sejam um". Ao mesmo tempo, porém, parecia-me que Foco estava sob a ação de uma graça especial, que não devia perder-se. Então lhe disse mais ou menos assim: "É muito provável que aquilo

que você sente venha de Deus; por isso temos que tomá-lo em consideração. Porém, não me convence uma unidade 'a dois', porque todas as pessoas devem ser um". E acrescentei: "Você conhece a minha vida: eu sou nada (pois vivia Jesus abandonado). Quero viver, de fato, como Jesus Abandonado que se anulou completamente. Você também é nada, porque vive como eu". Era um discípulo do carisma. "Pois bem, amanhã iremos à igreja e a Jesus Eucaristia, que entrará no meu coração como num cálice vazio (pois eu era nada), eu direi (só havia um cálice vazio e a eucaristia): 'Sobre o meu nada faça você um pacto de unidade com Jesus Eucaristia que entra no coração de Foco. E faça, Jesus, com que se estabeleça aquele vínculo entre nós que você sabe'". Depois acrescentei: "E você, Foco, faça o mesmo".

Foi o que fizemos e saímos da igreja. Foco devia entrar pela sacristia para ir dar uma conferência aos frades. Algo me impelia a entrar de novo na igreja. Entro e me coloco diante do tabernáculo. Estou para invocar Jesus Eucaristia, para dizer: "Jesus", mas não posso. É que aquele Jesus, que estava no tabernáculo, estava também aqui em mim; era também eu, era eu, identificada com Ele. Portanto, eu não podia dirigir-me a mim mesma. Notei, então, que saía da minha boca, involuntariamente, a palavra: "Pai". Naquele momento me encontrei no seio do Pai.

(...)